



Adilson Tadeu Basquerote  
(Organizador)

# GEOGRAFIA:

Espaço, ambiente e sociedade

**Atena**  
Editora  
Ano 2021



Adilson Tadeu Basquerote  
(Organizador)

# GEOGRAFIA:

Espaço, ambiente e sociedade

 **Atena**  
Editora  
Ano 2021

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília



Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## Geografia: espaço, ambiente e sociedade

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Bruno Oliveira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Adilson Tadeu Basquerote

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G345 Geografia: espaço, ambiente e sociedade / Organizador  
Adilson Tadeu Basquerote. – Ponta Grossa - PR: Atena,  
2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-784-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.847211412>

1. Geografia. I. Basquerote, Adilson Tadeu  
(Organizador). II. Título.

CDD 910

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

A obra: “**Geografia: Espaço, ambiente e sociedade 1**”, reúne essencialmente estudos que centram-se na temática da Geografia como ciência, em diferentes contextos e perspectivas. Por meio de pesquisas transdisciplinares, revela-se a constituição do espaço geográfico como sendo o palco das realizações humanas, passíveis de serem analisadas, catalogadas e classificadas pelas inúmeras especialidades da ciência geográfica.

Entre os temas abordados destacam-se processos de ensino e aprendizagem, trabalho informal, crescimento econômico x crescimento social, mobilidade, violência e ocupação urbana, conflitos agrários e criminalidade, patrimônio arqueológico e alimentar, fronteiras raciais, turismo, entre outros. Fruto de esforços de pesquisadores de diferentes regiões e instituições brasileiras, venezuelanas e mexicanas, o livro é composto por quinze capítulos, resultantes de pesquisas empíricas e teóricas, que entrecruzam distintos conceitos da Geografia e de outras áreas do conhecimento.

Nesse interim, o livro reflete o cenário de estudos recentes, contextualizados, e com aprofundamento científico para a área que se propõe. Além disso, seus capítulos se configuram com um contributo no entendimento da construção do espaço geográfico, suas nuances e contradições. Além disso, reforça a prerrogativa da Editora Atena, na publicação de obras que vão ao encontro da dinamização científica nas diferentes áreas do conhecimento.

Que a leitura seja convidativa!

Adilson Tadeu Basquerote

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A GEOGRAFIA POÉTICA INDÍGENA DO LUGAR AMAZÔNICO	
Francisco Marquelineo Santana	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114121">https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114121</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
A MAIOR IMPORTÂNCIA DE SE ENSINAR-APRENDER GEOGRAFIA NA ESCOLA SEGUNDO PROFESSORES E ESTUDANTES DE GEOGRAFIA	
Sérgio Luiz Miranda	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114122">https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114122</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>28</b>
A INFORMALIDADE NAS RUAS DE FEIRA DE SANTANA – BA	
Alessandra Oliveira Teles	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114123">https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114123</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>39</b>
CAMPINAS, A CIDADE MAIS SURPREENDENTE DO BRASIL: ENTRE OS ÍNDICES METROPOLITANOS E AS LEIS MUNICIPAIS	
Rafaela Fabiana Ribeiro Delcol	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114124">https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114124</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>53</b>
DUQUE DE CAXIAS (RJ) SITUAÇÃO PARADOXAL: CRESCIMENTO ECONÔMICO X DESENVOLVIMENTO SOCIAL BAIXO	
Fernando Ribeiro Camaz	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114125">https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114125</a>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>71</b>
MOBILIDADE URBANA: PROCESSO DE INTEGRAÇÃO ENTRE OS MUNICÍPIOS DA REGIÃO METROPOLITANA DO VALE DO RIO CUIABÁ (RMVRC)	
Maristene Amaral Matos Cornélio Silvano Vilarinho Neto	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114126">https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114126</a>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>82</b>
OCUPAÇÃO URBANA DO LITORAL SUL DE SANTA CATARINA: O AVANÇO SOBRE O SÍTIO ARQUEOLÓGICO SAMBAQUI GAROPABA DO SUL	
Carolina Porto Luiz Geovan Martins Guimarães Bruna Cataneo Zamparetti José Gustavo Santos da Silva Juliano Bitencourt Campos	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114127">https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114127</a>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>95</b>
UMA GEOGRAFIA HISTÓRICA URBANA/REGIONAL DA PROVÍNCIA FLUMINENSE	
Valter Luiz de Macedo	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114128">https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114128</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>109</b>
VIOLÊNCIA URBANA E TRÂNSITO. ANÁLISE ESPACIAL DOS ACIDENTES DE TRÂNSITO NO MUNICÍPIO DE VITÓRIA, ES	
Liziane de Oliveira Jorge	
Giovanna Souza Piassi	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114129">https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114129</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>123</b>
ZONIFICACIÓN Y ORDENAMIENTO TURÍSTICO DEL CANTÓN ZAMORA- ECUADOR	
María Gabriela Suasnavas-Rodríguez	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.84721141210">https://doi.org/10.22533/at.ed.84721141210</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>135</b>
CONFLITOS AGRÁRIOS, VIOLÊNCIA E CRIMINALIDADE: BRAVOS CAMPONESES E A LUTA PELA(O) TERRA/TERRITÓRIO EM BALSAS NO MARANHÃO – BRASIL	
Vanderson Viana Rodrigues	
Eliezer Henrique da Silva Sousa	
Ademir Terra	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.84721141211">https://doi.org/10.22533/at.ed.84721141211</a>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>149</b>
MEDIDAS PARA LA REDUCCIÓN DE LA VULNERABILIDAD DEL ACUEDUCTO RURAL DE POTOSÍ, PARROQUIA LA FLORIDA, MUNICIPIO CÁRDENAS, ESTADO TÁCHIRA, VENEZUELA	
Carmelina González Ramírez	
Betty Judith Ramírez Chaparro	
Sandra Yusbeth Bustillos Leal	
Karena Rodríguez Acero	
Cleomary Oliveros Oliveros	
Daniela Rey Romero	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.84721141212">https://doi.org/10.22533/at.ed.84721141212</a>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>164</b>
FRONTEIRAS RACIAIS E GENOCÍDIO DAS COMUNIDADES NEGRAS COVID-19	
Elinton Fabio Romão	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.84721141213">https://doi.org/10.22533/at.ed.84721141213</a>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>176</b>
ALIMENTAÇÃO, PATRIMÔNIO CULTURAL E DESENVOLVIMENTO REGIONAL	
Vandrezza Amante Gabriel	
Marilda Rosa Galvão Checcucci Gonçalves da Silva	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.84721141214>

**CAPÍTULO 15..... 187**

INVESTIGAÇÃO DA CORRELAÇÃO ENTRE OS DADOS DO ENA (ENERGIA NATURAL AFLUENTE) PARA A PRODUÇÃO DE ENERGIA BRASILEIRA ATRAVÉS DA ANÁLISE MULTIVARIADA, COMO FATOR RELEVANTE DE ANÁLISE DA CRISE HÍDRICA

Débora Gaspar Soares

Glenda Rafaela de Sousa Quirino

Juliana da Fonseca Meira

Mariana Torres Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.84721141215>

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 199**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 200**

# CAPÍTULO 3

## A INFORMALIDADE NAS RUAS DE FEIRA DE SANTANA – BA

*Data de aceite: 01/12/2021*

**Alessandra Oliveira Teles**

Universidade Estadual de Feira de Santana,  
Departamento de Ciências Humanas e Filosofia  
Feira de Santana – Bahia  
ORCID – 0000-0001-9867-6380

**RESUMO:** A informalidade nas ruas de Feira de Santana é resultado de aspectos culturais, políticos e econômicos numa justaposição de ações. O objetivo desse estudo foi analisar como ambulantes e camelôs atuaram nas ruas da cidade no período de 1980 a 2020. Justifica-se esse estudo pela importância da atividade para a consolidação econômica e organização espacial. O aporte teórico está baseado, principalmente, em Pintaudi (2007), Santos (2008) e Teles (2017). Como procedimentos metodológicos realizou-se análise bibliográfica, observação e pesquisa de campo antes da pandemia. Os principais resultados destacam a relevância do trabalho de ambulantes e camelôs nas principais ruas da cidade e como esse tipo de atividade necessita desse espaço para a sobrevivência dos indivíduos. Como considerações é possível destacar a circulação de pessoas no centro comercial é o principal elemento para que a informalidade esteja consolidada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Camelôs. Comércio de Rua. Feira de Santana. Informalidade.

### INFORMALITY IN THE STREETS OF FEIRA DE SANTANA – BA

**ABSTRACT:** The informality on the streets of Feira de Santana is the result of cultural, political and economic aspects in a juxtaposition of actions. The aim of this study was to analyze how street vendors and street vendors operated in the city from 1980 to 2020. This study is justified by the importance of the activity for economic consolidation and spatial organization. The theoretical contribution is based mainly on Pintaudi (2007), Santos (2008) and Teles (2017). As methodological procedures, bibliographic analysis, observation and field research were carried out before the pandemic. The main results highlight the relevance of the work of street vendors and street vendors in the main streets of the city and how this type of activity needs this space for the survival of individuals. As considerations, it is possible to highlight the movement of people in the shopping center is the main element for the informality to be consolidated.

**KEYWORDS:** Street vendors. Street commerce. Feira de Santana. Informality.

### 1 | INTRODUÇÃO

A presença do trabalhador de rua é um fenômeno que ocorre desde o século XV, entretanto, no Brasil, os registros desta atividade datam do século XVII, com grande força no século XIX (DURÃES, 2013). Escravos, libertos, mestiços e brancos pobres buscavam sua sobrevivência em toda a sorte de atividades,

atuando como carregadores, vendedores (aves, leite, frutas, carnes, etc.) ou prestando serviços como pedreiros, carpinteiros, lavadeiras, entre outros serviços. Segundo o autor “[...] no Brasil, o trabalho de rua é mais do que uma resultante de ‘falhas’ econômicas, como vai ser dito em meados do século XX; é sobretudo, parte culturalmente constitutiva das próprias cidades” (DURÃES, 2013, p. 118).

A atividade dos camelôs e ambulantes foi delineada na cidade de forma análoga aos estabelecimentos comerciais, principalmente no centro da cidade. Sua expansão pelas principais vias de circulação da população evidencia que existe procura por este tipo de comércio. Quase sempre estão em pontos estratégicos, mesmo se considerados impróprios.

A espacialização de atividades como comércio e serviços é o destaque entre os processos espaciais que articulam e compõem sua história. A cidade representa um espaço geográfico com transformações promovidas pelo capital nas diversas escalas e com a particularidade de concentrar pessoas, mercadorias e fluxos. Lefebvre (1991, p. 111) destaca essa posição quando escreve: “A cidade atrai para si tudo o que nasce da natureza e do trabalho, noutros lugares: frutos e objetos, produtos e produtores, obras e criações, atividades e situações”.

A informalidade nas ruas de Feira de Santana é resultado de aspectos culturais, políticos e econômicos numa justaposição de ações. O objetivo desse estudo foi analisar como ambulantes e camelôs atuaram nas ruas da cidade no período de 1980 a 2020. Justifica-se esse estudo pela importância da atividade para a consolidação econômica e organização espacial. O aporte teórico está baseado, principalmente, em Pintaudi (2007), Santos (2008) e Teles (2017). Como procedimentos metodológicos realizou-se análise bibliográfica, observação e pesquisa de campo antes da pandemia. Os principais resultados destacam a relevância do trabalho de ambulantes e camelôs nas principais ruas da cidade e como esse tipo de atividade necessita desse espaço para a sobrevivência dos indivíduos. Como considerações é possível destacar a circulação de pessoas no centro comercial é o principal elemento para que a informalidade esteja consolidada.

## **2 | A INFORMALIDADE NAS PRINCIPAIS RUAS DE FEIRA DE SANTANA**

Entre 1950 e 1970 o comércio de rua ocorria nas avenidas Getúlio Vargas e Senhor dos Passos, bem como, na rua Marechal Deodoro e Sales Barbosa. Com as mudanças na utilização desse espaço, novas ruas e avenidas foram incluídas na organização territorial do trabalho presente no centro comercial de Feira de Santana.

A concentração de ambulantes e camelôs em determinadas ruas e avenidas do centro comercial ocorrem seguindo uma lógica. Tratando-se de comércio de rua, e seu principal consumidor/cliente é o pedestre, logo, estes trabalhadores precisam estar onde seu público-alvo aparece em maior concentração. Além disso, vive-se um período de exacerbação do consumo e quem não pode pagar por um produto original procura

satisfazer seu desejo com produtos alternativos encontrados nesse tipo de comércio.

Conjuntamente com estes fatos, o crescimento populacional, a expansão das atividades econômicas e a isenção de um relevante segmento social através da elevação da renda familiar contribuíram para a proliferação da atividade comercial seja formal ou informal. A elevação no consumo de bens e serviços inerentes as novas formas de produção, distribuição e consumo expõe a diversidade de estabelecimentos presentes no centro comercial de Feira de Santana. Essa caracterização repercute no fortalecimento e ampliação do comércio de rua, cada vez mais diversificado e com uma expansão nos itens para o consumo.

Os agentes envolvidos na atividade comercial buscam pela localização mais centralizada com o objetivo de tirar o máximo possível de proveito da circulação de pessoas que caracterizam a clientela em potencial. Analisando a presença de ambulantes e camelôs no centro comercial percebe-se a complexidade na sua organização.

A rua Conselheiro Franco, Praça Bernardino Bahia e a Praça Presidente Médici, onde está localizado o Feiraguay, transformam-se de tal maneira, que consolidam a posição da cidade num cenário nacional como relevante ponto na rede de comercialização (Figura 1).



Figura 1 - Feira de Santana

Avenidas e ruas principais utilizadas pelos camelôs - 2014

Destacando-se em razão dos variados níveis de tecnologia, organização e capital das atividades urbanas essa realidade faz parte do circuito da economia urbana (SANTOS, 2008). Devemos observar a ligação entre os circuitos superior e inferior da economia. No caso do circuito comercial, tanto aqueles que se encontram na organização formal como os que estão na informalidade possuem particularidades que promovem, em dado momento, uma aproximação e organização de um todo. Ao mesmo tempo, apresentam oposição em características como divergência no recolhimento de impostos, apresentam complementaridades, se for observado, do seu modo, o circuito informal também dá oportunidade de ocupação e renda.

Para Silveira (2007), o circuito inferior de economia passa por um intenso período de expansão devido a oportunidade de ocupação e renda encontrada por aqueles indivíduos que são cada vez menos necessários nas atividades do circuito superior. Então deparamo-nos com uma grande contradição, ao tempo que o país apresenta um dinâmico circuito superior com conexões globais e moderno espaço produtivo, o circuito inferior destaca-se pela adaptação e expansão em diferentes circuitos com destaque para o comercial.

Feira de Santana apresenta uma realidade que, em parte, ratifica a discussão dos autores mas, em outros pontos, desconsidera a proposta. Segundo Santos; Silveira (2001), os agentes envolvidos no circuito inferior promovem um circuito central ao se instalar nos espaços de maior circulação de pessoas, sejam eles desvalorizados ou degradados, uma vez que nesses locais vão conseguir obter a renda referente a seu labor. No caso da cidade em estudo, esses espaços ocupados são disputados e valorizados gerando diversos conflitos por sua ocupação irregular por parte dos informais que não contribuem tributariamente auferindo lucros totalmente livres dos custos que são dispensados aos formais.

Nos períodos que sucedem a década de 1990 tanto o circuito formal quanto o informal revelam a precariedade e regressão nos direitos trabalhistas. Contribuindo para o fortalecimento da informalidade a falta de um limite entre o formal e o informal é consequência da movimentação capitalista que se beneficia dessa situação ao não deixar claro o limite entre trabalho produtivo e improdutivo, emprego e desemprego, produção e lucro real (TAVARES, 2004).

O circuito informal apresenta uma dinâmica que se ajusta as estruturas necessárias a sua reprodução e expansão. As transformações no modo de produção e nas relações de trabalho terão um impacto direto na operacionalização dessa atividade. Além disso, articula-se e associa as funções do centro como espaço principal na popularização do consumo e consolidando as atividades comerciais como mais relevantes na economia da cidade.

A discussão sobre economia informal apresenta relevância tanto nos meios de comunicação quanto no universo acadêmico, nessa passagem do século XX para o século XXI. Para Cacciamali (2000), esse termo apresenta significados bem diferentes,

como exemplifica: “[...] evasão e sonegação fiscais; terceirização; microempresas, comércio de rua ou ambulante; contratação ilegal de trabalhadores assalariados nativos ou migrantes, trabalho temporário, trabalho em domicílio, etc.” (CACCIAMALI, 2000, p. 153). O destaque para uma conceituação tão variada e distinta demonstra um fator em comum no pensamento das pessoas. Ainda segundo Cacciamali “[...] são atividades, trabalhos e rendas realizadas desconsiderando regras expressas em lei ou em procedimentos usuais”. Percebe-se as repetidas referências a esta temática, atualmente, bem como, faz-se necessário compreender as particularidades do capital ao criar e recriar relações distintas ao seu sistema. Segundo Dantas (2005, p.2) “urge considerar esse processo a partir do que se convencionou chamar de lei do desenvolvimento desigual, que tornará possível compreender o porquê da reprodução da atividade do comércio ambulante nos países em via de desenvolvimento “.

Sua expansão pelas principais vias de circulação evidencia que existe procura por este tipo de comércio. Quase sempre estão em pontos estratégicos, mesmo se considerados impróprios. Para Pintaudi (2007, p. 145) “[...] as formas comerciais são, antes de mais nada, formas sociais; são as relações sociais que produzem as formas que, ao mesmo tempo, ensinam relações sociais”.

Segundo dados da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2015), no ano de 2015, 51,1% da força de trabalho brasileira estava concentrada na informalidade. Parte desses atuou no comércio de rua como ambulantes e camelôs, ocupando ruas, avenidas e praças, sendo excluídos dos direitos e também dos deveres trabalhistas. Considerando que não possuem carteira assinada, não têm direito a seguro-desemprego, auxílio-maternidade, auxílio-doença, aposentadoria ou outro benefício oferecido pelo INSS. Também não recolhem para os cofres nenhum tipo de tributo, o que vem chamando a atenção do governo que passa a criar meios de formalizar e ordenar o trabalho desse segmento. Com isso, ambulantes e camelôs passam a fazer parte da pauta institucional, da iniciativa privada, da mídia e da academia.

Esse é o resultado da relação direta entre o meio técnico e o político, promovendo uma elevação do número de pessoas participando do comércio informal presente nas ruas. O que se percebe, desde os anos 1990, trata de uma acentuação no desemprego, refletindo especialmente nas classes econômicas menos favorecidas, e nos postos de trabalhos formais. Neste contexto, o mercado informal aparece como alternativa para a falta de oportunidade. A imprevisibilidade do comércio de rua é marcada pela insalubridade, risco de assalto, excessos de todo tipo por parte dos agentes fiscalizadores, fenômenos climáticos, entre outras incertezas.

Em Feira de Santana a situação é a mesma, o desemprego no mercado formal de trabalho colocou significativa faixa da população na informalidade que ocupa as vias públicas de forma crescente, a ponto do poder municipal realizar ações de ordenamento do uso do espaço público.

Não há dados precisos sobre o número de ambulantes e camelôs ocupando as ruas da cidade. Com base em Oliveira (2010), uma das justificativas para essa ausência de informação se deve a desvalorização e desconsideração dessa atividade por décadas. Em áreas como Economia e Administração recebe os adjetivos de economia invisível ou economia subterrânea, poucos se voltaram para seu estudo, referência ou contagem. Segundo Pacheco (2008), alguns historiadores, ao se voltar para as feiras livres citam estimativas.

O IBGE iniciou um levantamento do pessoal desocupado, nos diversos circuitos, porém suas estatísticas ainda estão limitadas as principais regiões metropolitanas do país. A própria Prefeitura Municipal realizou, no ano de 2013, um cadastramento dos ambulantes e camelôs que estão no centro comercial de Feira de Santana, mesmo assim, não apresenta números precisos.

Considerou-se ambulante aquele indivíduo que comercializa seus produtos sem ponto fixo, caminhando e oferecendo as mercadorias do modo que consegue transportar, nos próprios braços, carro-de-mão ou bicicleta (PINTAUDI, 2007). Camelôs foram definidos como aqueles que tem ponto fixo para realizar sua atividade. Nesta pesquisa, juntamos as duas categorias por considerar sua aproximação na atividade do comércio de rua e pela situação de informalidade que ambos apresentam.

A concentração de ambulantes e camelôs em determinadas ruas e avenidas do centro comercial ocorre seguindo uma lógica. Em se tratando de comércio de rua, o seu principal consumidor/cliente é o pedestre, logo, estes trabalhadores precisam estar onde seu público-alvo aparece em maior concentração. As ruas Marechal Deodoro, Sales Barbosa e Benjamin Constant, bem como a avenida Senhor dos Passos e Praça do Nordeste oferecem o maior agrupamento.

A sociedade vive um período de exacerbação do consumo e quem não pode pagar por um produto original procura satisfazer seu desejo com produtos alternativos, encontrados nesse tipo de comércio. Em Feira de Santana, o comércio representa um papel fundamental na expansão da economia e na dinâmica territorial urbana. A cidade apresenta uma diversidade de fluxos populacionais, matérias-primas e mercadorias. (TELES, 2017).

Segundo informação da SETTDEC existem aproximadamente 1.680 ambulantes e camelôs trabalhando nas ruas pesquisadas, número utilizado para esta pesquisa. O universo de pesquisa consta de uma amostragem de 217 pesquisados, distribuídos pela Rua Marechal Deodoro (46), Rua Sales Barbosa (98), Avenida Senhor dos Passos (36), Rua Benjamin Constant (22) e Praça do Nordeste (15).

No caso dos ambulantes e camelôs de Feira de Santana, independente de trabalharem com produtos originais ou falsificados, sua presença nas principais ruas e avenidas do centro comercial promovem um grande impacto financeiro entre os lojistas. Na comercialização de seus produtos sonegam uma série de impostos, circunstância que prejudica os lojistas que veem seus lucros diminuídos por essa atividade paralela e

concorrente.

Periodicamente, pressionam a prefeitura, a polícia militar, em especial o corpo de bombeiros, e a mídia contra esse ramo de atividade, relacionando a um problema social, de mal ordenamento do espaço público e um cenário negativo da economia brasileira. De fato, fogem às regras formais estabelecidas pelo poder público em seus níveis hierárquicos. Mas, a primeira premissa a ser considerada é o fato de que estão atuando nesse mercado em busca de sua sobrevivência. (CACCIAMALI, 2000).

A pesquisa de campo revelou que o comércio de rua é consequência do enfraquecimento das relações formais de trabalho. Os dados da pesquisa demonstram que um número significativo de camelôs presentes nas ruas de Feira de Santana teve uma ocupação anterior e tornaram-se vendedores nas ruas por não conseguirem se recolocar no mercado formal de trabalho.

Apesar de um número expressivo informar que sempre atuou como camelô, percebe-se a variedade de atividades anteriormente exercidas por estes trabalhadores. Ao mesmo tempo que o comércio é o principal responsável pela dinâmica econômica do município, tem sido também o que mais tem demitido. Coube a quem se encontra no desemprego procurar alternativas para a sua sobrevivência e essa chance foi adquirida através do comércio de rua, seguido pelos trabalhadores que atuavam como auxiliar na produção industrial e dos trabalhadores domésticos e rurais. (TELES, 2017).

As informações acima demonstram que em todos os circuitos econômicos o desemprego é realidade, o que ratifica a discussão de Durães (2013), pois nesse processo de reestruturação produtiva, os trabalhadores estão à mercê das políticas adotadas pelos governos que repercutem localmente e atingem, inclusive, segmentos extremamente frágeis na cadeia produtiva, como é o caso das ocupações relacionadas ao circuito informal.

A forma de funcionamento e organização das barracas depende fundamentalmente da capacidade de negociação de cada ambulante e camelô. No comércio dos logradouros pesquisados, a predominância na forma de pagamento é o dinheiro. A utilização da máquina de crédito/débito ocorre com maior frequência entre os ambulantes e camelôs da rua Sales Barbosa, seguido dos que trabalham na avenida Senhor dos Passos e numa frequência bem inferior, entre aqueles que estão localizados na rua Benjamin Constant.

Os ambulantes e camelôs que ocupam a praça do Nordeste só comercializam com dinheiro. Duas formas de comercialização quase extintas ainda são utilizadas por ambulantes e camelôs da rua Sales Barbosa e rua Marechal Deodoro que são a venda através de nota promissória e o recebimento de cheques.

O destaque nesse quesito refere-se ao uso da máquina de débito/crédito ser aceita predominantemente pelos comerciantes de confecções, pois estes apresentam uma melhor e maior organização de suas barracas. Os que trabalham com calçados também apresentam boa estrutura em seus espaços, mas quando questionados sobre o motivo de não utilizarem a máquina de crédito/débito, quase todos alegaram que negociando

em espécie podem barganhar um preço melhor e, na maioria das vezes, conquistam os clientes que voltam para a compra de outras mercadorias.

Historicamente, tem-se um cenário de ocupação das ruas do centro da cidade. A feira livre, importante elemento para a origem do município até a década de 1970, tinha alimentos, calçados, confecções, utilidades para a casa, ferramentas, entre outros produtos. Consumidores de vários locais convergiam para Feira de Santana em busca dessa variedade.

A inauguração do Centro de Abastecimento, em 1977, marca a dinâmica territorial do centro comercial de Feira de Santana e seu ordenamento territorial. A retirada das barracas das ruas permitiu maior e melhor circulação de pedestres. Mas, os problemas neste novo espaço são revelados pelos jornais da época, estes registram a constante insatisfação dos feirantes transferidos.

A complexidade organizacional da cidade varia de acordo ao seu direcionamento político, seu nível técnico e a economia. Em relação ao comércio, a presença de concorrência é um fato concreto. Entre os ambulantes e camelôs não é diferente. Por esse motivo, a localização é um dos elementos preponderantes para conseguir realizar vendas e se manter no mercado.

Os agentes envolvidos na atividade comercial buscam pela localização mais centralizada com o objetivo de tirar o máximo possível de proveito da circulação de pessoas que caracterizam a clientela em potencial. Analisando a presença de ambulantes e camelôs no centro comercial percebe-se a complexidade na sua organização.

A circulação de pessoas no centro da cidade para realizar compras é fato. A atividade comercial atrai consumidores em potencial já que o centro é considerado o espaço principal para a materialização dessa atividade. Conforme consumidores entrevistados, a variedade de produtos ofertados, a presença tanto de lojas formais quanto ambulantes e camelôs facilitam a escolha dos produtos, preços inferiores aos seus locais de origem, facilidade na locomoção até Feira de Santana, concentração do comércio numa mesma área são fatores considerados positivos quando se pensa em comprar.

As notícias que seguem revelam que cansados de solicitar melhorias do local alguns feirantes, a partir de 1979, começam a retornar para o centro comercial e ocupar a rua Marechal Deodoro com a venda de alimentos, destaque para frutas e hortaliças. A rua Sales Barbosa, também nesse período passa por uma reforma realizada pela Prefeitura Municipal, transformando-a numa via de circulação exclusiva para pedestres. A partir dessa realização, observa-se dois fatos: a) o uso do termo camelô como referência ao indivíduo que de forma pontual começa a se estabelecer nesse logradouro; b) a venda de produtos como relógios, brinquedos, calçados, confecções vai fazer concorrência aos estabelecimentos presentes e incomodar os lojistas que já se encontravam instalados.

Esse zoneamento existente entre os produtos comercializados pelos ambulantes e camelôs no centro comercial de Feira de Santana indica que a discussão teórica que inicia

esta pesquisa é válida. A presença de determinados produtos predominando em certos logradouros constitui, então, a apropriação de um espaço específico configurando um território. Segundo Corrêa (1996), é possível definir território como um espaço no qual são atribuídas as dimensões política, afetiva ou ambas. No caso do local pesquisado, ambas as dimensões estão presentes.

Os alimentos aparecem com maior frequência na rua Marechal Deodoro, na avenida Senhor dos Passos predominam os ambulantes e camelôs que comercializam bijuterias/acessórios. Na rua Sales Barbosa e na Praça do Nordeste há uma variedade de produtos. Na rua Benjamin Constant ambulantes e camelôs trabalham com alimentos (lanches e almoço), comercializam CD/DVD prestam serviço consertando relógios, gravação de música em celular ou pen drive, tiram arranhões de celular ou relógio, cortam chip, afiam tesouras e alicates.

O circuito informal contribui na consolidação do comércio na medida que indica as relações de complementaridade e concorrência. A hierarquia existente não desaparece, ao contrário, na maioria dos casos, o circuito informal necessita da presença do circuito formal para sua existência e manutenção, tanto que procura se instalar nas vias onde o circuito comercial ocorre com maior dinâmica. Além disso, o circuito comercial empresta seus fornecedores, transportadoras e potenciais consumidores para o funcionamento do circuito informal.

Feira de Santana apresenta uma realidade que em parte ratifica a discussão dos autores aqui apresentados, mas, em outros pontos, desconsidera a proposta. Segundo Santos e Silveira (2001) os agentes envolvidos no circuito inferior promovem um circuito central ao se instalar nos espaços de maior circulação de pessoas, sejam eles desvalorizados ou degradados, uma vez que nesses locais vão conseguir obter a renda referente a seu labor. No caso da cidade em estudo, esses espaços ocupados são disputados e valorizados gerando diversos conflitos por sua ocupação irregular por parte dos informais que não contribuem tributariamente auferindo lucros totalmente livres dos custos que são dispensados aos formais.

### **3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando o processo de reestruturação produtiva novas relações de trabalho vão surgir. Determinando normas mais flexíveis na utilização da força de trabalho vão também compor o circuito informal que cada vez mais é visível dentro da economia pela sua contribuição, em especial pela absorção de mão-de-obra.

A flexibilidade do mercado de trabalho contribui para que o circuito informal impacte na economia. As consequências mais visíveis do processo de reestruturação produtiva são os baixos níveis de trabalho e renda e o enfraquecimento do mercado formal de trabalho. A década de 1990 é marcante para o entendimento dessas transformações, trabalhadores

que até esse período atuavam com direitos trabalhistas se veem na necessidade de exercer atividades sem regulamentação, redução ou mesmo ausência de direitos.

Nos períodos que sucedem a década de 1990 tanto o circuito formal quanto o informal revelam a precariedade e regressão nos direitos trabalhistas. Contribuindo para o fortalecimento da informalidade, a falta de um limite entre o formal e o informal é consequência da movimentação capitalista que se beneficia dessa situação ao não deixar claro o limite entre trabalho produtivo e improdutivo, emprego e desemprego, produção e lucro real (TAVARES, 2004).

No entendimento de Montessoro (2006), a circulação de pessoas contribui para a consolidação tanto do circuito formal como do informal pois ao transitar pelo centro comercial e ter a possibilidade de consumir produtos e serviços de ambos os segmentos promovem complementaridade e disputa pelo espaço ocupado. No espaço urbano o circuito comercial apresenta grande importância econômica, cria empregos, gera renda e tributos. Também tem sua contribuição na organização espacial quando ocupa novas localizações ou se reorganiza em seus espaços considerados tradicionais revela os interesses e direcionamentos da população consumidora.

O circuito informal apresenta uma dinâmica que se ajusta as estruturas necessárias a sua reprodução e expansão. As transformações no modo de produção e nas relações de trabalho terão um impacto direto na operacionalização dessa atividade. Além disso, articula-se e associa as funções do centro como espaço principal na popularização do consumo e consolidando o circuito comercial como mais relevante na economia da cidade.

## REFERÊNCIAS

CACCIAMALI, Maria Cristina. Globalização e Processo de Informalidade. **Economia e Sociedade**. n. 14, p. 153-174, jun 2000.

DANTAS, Eustógio W. C. Apropriação do Espaço Público pelo Comércio Ambulante: Fortaleza-Ceará-Brasil em Evidência (1975 a 1995). **Scripta Nova**. Universidad de Barcelona, vol. IX, n. 202, 1 de diciembre de 2005. Disponível em <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-202.htm>>. Acesso em: 17 jul. 2015.

DURÃES, Bruno J. R. **Camelôs Globais ou de Tecnologia**: novos proletários da acumulação. Salvador: EDUFBA, 2013.

LEFEBVRE, Henry. **O Direito a Cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

OLIVEIRA, Edilson Luís. Circuito Inferior da Economia Urbana e Mídia Impressa em Londrina/PR. **Anais do VI Encontro Nacional de Geógrafos**. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://www.agb.org.br>>. Acesso em: 17 de jan. 2014.

PACHECO, Larissa B. P. **Trabalho e Costume de Feirantes de Alimentos**: Pequenos Comerciantes e Regulamentações do Mercado em Feira de Santana (1960/1990). 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de Ciências Humanas e filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2008.

PINTAUDI, Silvana M. A Cidade e as Formas do Comércio. In: CARLOS, A. F. A. (Org.) **Novos Caminhos da Geografia**. 5 ed.; São Paulo: Contexto, 2007. (Caminhos da Geografia).

SANTOS, Milton. **O Espaço Dividido**: Os Dois Circuitos da Economia. São Paulo: EDUSP, 2008a. 1 reimpressão.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: Território e Sociedade no Início do Século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVEIRA, Maria Laura. **Confines de la racionalidad**: el espacio geográfico contemporáneo. Texto apresentado no XI Encontro de Geógrafos da América Latina, Bogotá D.C, 2007.

TAVARES, Maria Augusta. **Os fios (in)visíveis da produção capitalista**: informalidade e precarização do trabalho. São Paulo: Cortez, 2004.

TELES, Alessandra Oliveira. **O Comércio Informal em Feira de Santana (BA)**: Permanências e Mudanças. Universidade Federal de Sergipe. Programa de Pós-Graduação em Geografia. São Cristóvão. 2017. Tese de Doutorado.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Análise 3, 14, 15, 16, 17, 19, 22, 23, 24, 28, 29, 39, 40, 41, 42, 45, 48, 50, 62, 73, 85, 86, 90, 93, 96, 97, 98, 101, 107, 109, 112, 115, 117, 119, 121, 136, 137, 139, 140, 147, 166, 170, 172, 173, 187, 188, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198

Aprender 14, 15, 19, 20, 21, 25

Aprendizagem 16, 19, 25, 177, 184, 199

Avaliação 59, 86

### B

Brasil 16, 25, 27, 28, 29, 37, 38, 39, 48, 51, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 61, 67, 70, 74, 75, 76, 80, 81, 82, 85, 87, 92, 93, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 106, 107, 108, 111, 112, 117, 121, 135, 138, 139, 146, 147, 148, 164, 165, 166, 167, 168, 171, 172, 173, 174, 177, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 190, 192, 197, 198

### C

Cidadania 16, 25, 26, 27, 69, 81, 122, 146, 181

Cidade 28, 29, 30, 31, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 57, 58, 65, 67, 74, 75, 77, 80, 81, 83, 95, 96, 98, 99, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 113, 118, 121, 135, 167, 169, 170, 173

Conflito 64, 110, 139, 144, 145, 146, 147

Conhecimento 3, 10, 14, 15, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 90, 98, 164, 165, 179, 182, 183

Contexto 6, 12, 14, 16, 17, 22, 26, 27, 32, 38, 40, 47, 48, 51, 56, 87, 92, 95, 96, 98, 99, 101, 103, 105, 107, 115, 122, 125, 132, 177, 178, 181, 190

Cultura 1, 2, 3, 8, 12, 45, 49, 50, 51, 67, 68, 92, 93, 111, 118, 121, 135, 139, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186

### D

Dados 16, 17, 19, 32, 33, 34, 40, 42, 55, 59, 61, 62, 73, 76, 82, 86, 88, 90, 96, 107, 109, 111, 115, 117, 121, 137, 139, 140, 142, 146, 164, 172, 173, 174, 181, 182, 187, 188, 191, 192, 195, 196, 197, 198

Desenvolvimento 7, 9, 11, 17, 26, 27, 32, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 78, 81, 93, 112, 115, 121, 135, 137, 138, 148, 164, 176, 177, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 190, 199

Desenvolvimento regional 64, 68, 176, 177, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186

Diversidade 7, 30, 33, 41, 67, 177, 180, 184, 190

## **E**

Educação 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 40, 47, 51, 55, 59, 63, 66, 68, 69, 82, 92, 93, 118, 172, 174, 180, 190, 197, 199

Educação geográfica 199

Ensinar 14, 15, 19, 20, 21, 25, 26

Espaço 2, 3, 4, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 63, 64, 65, 70, 74, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 137, 138, 141, 142, 147, 167, 169, 170, 172, 173, 179, 183, 186

Espaço geográfico 15, 22, 23, 26, 29, 98

Estudo 13, 16, 22, 24, 26, 28, 29, 31, 33, 36, 39, 42, 53, 55, 64, 69, 71, 73, 79, 80, 84, 86, 96, 98, 99, 106, 108, 137, 147, 186, 187, 188, 190, 192, 196, 197

## **F**

Fonte 2, 4, 18, 42, 43, 44, 54, 55, 57, 58, 60, 61, 77, 84, 87, 88, 89, 90, 113, 114, 116, 117, 118, 120, 140, 144, 145, 182, 189, 191

Formação 8, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 46, 58, 68, 70, 71, 73, 81, 95, 96, 101, 104, 106, 107, 108, 110, 171, 183, 184

## **G**

Geografia 1, 2, 4, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 38, 42, 52, 53, 54, 63, 64, 70, 71, 74, 81, 95, 96, 97, 99, 106, 107, 108, 135, 137, 148, 164, 170, 199

## **H**

Humano 7, 8, 21, 22, 59, 60, 62, 63, 65, 66, 68, 69, 98, 124, 156, 179, 189, 196

## **I**

Indígena 1, 4, 6, 8, 9, 10, 11, 103, 172, 181

Informação 33, 65, 69, 82, 83, 86, 93, 97, 172, 197

## **L**

Linguagem 1, 2, 10, 12, 65, 82, 94, 168, 178, 186

Lugar 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 11, 12, 13, 22, 24, 39, 40, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 54, 55, 59, 60, 63, 64, 65, 73, 100, 121, 131, 139, 161, 167, 179, 183

## **M**

Metodologia 10, 13, 17, 41, 73, 86, 115

Mobilidade urbana 42, 43, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 121, 122

Município 34, 35, 39, 40, 43, 44, 45, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65,

66, 67, 71, 82, 87, 88, 103, 109, 112, 113, 115, 121, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 146, 147, 169, 182

## **N**

Natureza 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 21, 23, 24, 26, 29, 70, 75, 96, 98, 99, 106, 108, 110, 135, 177, 178, 179

Necessidade 23, 37, 47, 50, 69, 74, 76, 78, 83, 97, 101, 102, 110, 119, 137, 147, 164, 169, 170, 173, 177, 181, 183

## **O**

Ocupação 31, 34, 35, 36, 56, 57, 58, 74, 82, 83, 85, 86, 88, 89, 90, 93, 98, 102, 103, 104, 112, 114, 138, 166, 196

Organização 6, 8, 21, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 37, 40, 45, 46, 47, 49, 50, 53, 67, 68, 69, 99, 101, 112, 147, 177, 180, 183

## **P**

Paisagem 11, 22, 83, 84, 92, 110

Participação 54, 58, 61, 62, 64, 65, 67, 69, 91, 147, 165, 180, 197

Patrimônio 45, 50, 83, 85, 86, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 100, 102, 176, 177, 180, 181, 182, 184, 185, 186

Pesquisa 1, 2, 6, 11, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 21, 24, 25, 27, 28, 29, 33, 34, 36, 39, 40, 41, 42, 45, 49, 50, 51, 61, 62, 65, 71, 73, 80, 82, 86, 88, 90, 91, 92, 93, 97, 98, 106, 107, 112, 115, 118, 119, 121, 135, 136, 137, 138, 142, 147, 148, 174, 187, 188, 192, 199

Pessoas 6, 7, 15, 28, 29, 30, 31, 32, 35, 36, 37, 40, 41, 45, 46, 53, 54, 56, 57, 58, 65, 74, 78, 110, 111, 112, 117, 119, 143, 164, 165, 169, 170, 171, 172, 180, 184, 196

Poder 1, 26, 32, 34, 40, 41, 43, 45, 46, 49, 51, 52, 65, 66, 67, 68, 70, 74, 81, 83, 86, 87, 88, 95, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 105, 106, 107, 111, 137, 146, 160, 166, 167, 168, 170, 171, 174, 179, 184, 186

População 29, 32, 37, 49, 51, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 66, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 80, 91, 101, 105, 112, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 174, 181, 189, 190, 197

Problema 3, 11, 34, 78, 110, 111, 113, 144, 146, 172

## **R**

Relações 2, 3, 4, 7, 8, 15, 21, 22, 23, 24, 26, 31, 32, 34, 36, 37, 48, 51, 63, 65, 68, 78, 91, 96, 97, 99, 137, 141, 168, 170, 171, 178, 180

Rio 7, 11, 12, 27, 38, 41, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 61, 62, 69, 70, 71, 72, 76, 77, 78, 80, 81, 92, 93, 95, 96, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 119, 121, 122, 147, 169, 173, 174, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 189, 190, 198

## S

Sociedade 1, 3, 6, 8, 9, 10, 16, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 33, 37, 38, 46, 47, 63, 68, 70, 74, 95, 97, 99, 100, 101, 102, 106, 107, 111, 119, 139, 147, 148, 165, 169, 170, 172, 178, 180, 181, 182, 186, 187

Socioambientais 57, 69, 147

Socioeconômicas 111

## T

Tecnologia 31, 37, 39, 41, 67, 148

Teórico 3, 26, 28, 29, 183

Território 6, 10, 11, 22, 36, 38, 53, 61, 66, 70, 73, 79, 82, 86, 88, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 121, 135, 137, 138, 144, 169, 174, 176, 177, 183, 184, 185, 186, 191, 199

Trabalho 2, 14, 16, 17, 23, 27, 28, 29, 31, 32, 34, 36, 37, 38, 40, 42, 43, 57, 67, 68, 69, 74, 96, 98, 99, 106, 109, 112, 115, 119, 121, 135, 139, 141, 164, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 180, 185, 187, 188, 190, 191, 192, 196

Turismo 51, 82, 85, 93, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 132, 133, 134, 177

## U

Urbano 37, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 73, 74, 76, 78, 80, 82, 85, 98, 99, 101, 103, 105, 106, 107, 109, 111, 113, 121, 127, 168, 169, 170, 173, 174, 196

## V

Violência 7, 75, 105, 109, 110, 111, 117, 121, 135, 142, 146, 148, 168



 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# GEOGRAFIA:

Espaço, ambiente e sociedade

  
Ano 2021



 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 @atenaeditora  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# GEOGRAFIA:

Espaço, ambiente e sociedade